

O paciente, o analista e a terceira ópera¹

Celso Gutfreind,² Porto Alegre

Resumo: Neste artigo, a partir de um encontro pessoal com o seu analista, motivado pela morte do mesmo, o autor descreve a importância da pessoa do analista e do campo criado entre paciente-analista, bem como, em decorrência deste processo inexorável de perda, ocorre a introjeção do segundo no primeiro, levando à análise ao binômio terminável-interminável.

Palavras-chave: Julio Campos, morte do analista, campo, análise terminável-interminável

*Mas ao menos em imaginação, na névoa do final da tarde, eu
podia continuar uma busca, uma procura.*
(Hilda Doolittle)

1.

Passa um herói
de altos e baixos
– o anti-herói –
atado ao real.

Há um serviço,
reclamações
entre a relva
e o horizonte.

1 Reescrito, revisto e ampliado a partir de textos publicados no Observatório Psicanalítico e no *Jornal da SBPdePA* (2021).

2 Membro titular com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Disca-se longe:
– E como ficam
as expansões
essas que vinham?

Já não vem mais,
postas no fogo
ou, liquefeitas,
vão água abaixo?
Morto, o herói
com a verdade
desde o começo:
ser sem com ele.

2.

Há um motivo especial e bem vivido, posto que doloroso, para iniciar este arremedo de artigo, sob a forma de poesia. Afinal, entre as principais discordâncias entre mim, como paciente, e Julio Campos, como analista, uma delas referia-se às origens do processo criativo.

Bem, antes de prosseguir, vamos ao “arremedo”: difícil escrever um “artigo” como este. Por isso, aliás, eles costumam ser raros na história da psicanálise. É preciso garimpar para encontrar uma carta pungente e caudalosa, como a de Hilda Doolittle (HD), especialmente poética e dando conta do “aqui e agora” sobre a sua análise com Freud e contam-se nos dedos empreitadas assim tão corajosas.

Talvez Freud o explique com o sentido de que expor-se de tal forma pode ir na contramão de um trabalho analítico, voltado para a contenção ou vestimenta do arcaico. No meu caso, especificamente literário, o que poderia ser relato do “aqui e agora” da sessão há de ter sido transformado em poesia, ensaio, ficção. Para a busca da metáfora ou da representação consciente. Por outro lado, cria-se uma lacuna enorme, ao perdermos justo o ponto de vista do paciente (Julio preferia chamá-lo de analisando), imprescindível, senão o principal.

Quanto ao iniciar a difícil empreitada, ainda que em fragmentos, sob a forma de poesia, lembremos que, poeta e prosador, menor

ou maior, eu era um artista das letras. E Julio, dos móveis, que fazia com esmero e criatividade. Além disso, ele também era um teórico ou estudioso dos meandros da criação, com grupos de estudo sobre o tema, espaços prestigiados, em Porto Alegre, por vasculharem os bastidores das mentes de grandes criadores como Leonardo da Vinci, Van Gogh, Michelangelo, entre outros.

Nossas discórdias, nesse quesito, eram, portanto, modéstias à parte, briga de cachorro grande. E, de minha parte, entrei na análise com uma concepção romântica do fazer criativo, ou seja, mais ligada àquilo que se perdeu. Ali estava a tradição da MPB, “provando” que músicas nasciam na morte de um amor. Julio aqui discordou com veemência e, baseado nos seus estudos, bem como nos de Honigstejn (1990), situava a criatividade mais localizada no terreno do que se “ganhou” ou no (re) encontro (de) com uma figura materna, fomentando ritmos e apegos seguros. Nesse sentido, ele se apresentava um tanto meltzeriano (1994), embora com um jeito muito peculiar de defender os seus sentidos.

Duas de suas grandes qualidades ali se descortinavam. A primeira era respeitar a diferença e deixar-me ser com minha própria sofrência ou ideia de sofrência (Borgogno, 2004). A outra era imprimir novos sentidos a tudo isso, vendo-o por outro lado e assim criando uma nova e melhor versão para aquilo que ocupava o primeiro plano em minha vida. E não é este o carro-chefe de uma análise?

Sem ele – e ele discordaria –, creio eu, não teria escrito um livro inteiro dedicado às reflexões estéticas compartilhadas entre a vida e a psicanálise (Gutfreind, 2019) e, sobretudo, teria deixado de escrever muitos poemas sobre a arte dos encontros, como a homenagem poética que abriu o arremedo de artigo. E não teria este outro carro-chefe, presente hoje em cada livro de ensaios, com a ideia sentida de que somos frutos de interações poéticas, propulsoras de nossa subjetividade, e toda prosa que se preze é precedida por uma poesia. Sem contar – o principal – o que pude viver fora dos livros, na vida em si.

Também por isso, a poesia no começo deste arremedo de artigo.

3.

Foram 15 anos de análise, ou seja, de um encontro verdadeiro. Julio abria campos (Baranger & Baranger, 1969) e não há como sintetizá-los; ele ensinando a ser firme (como a sua voz de fora e de dentro), em uma ternura encantada com a poesia. E mais algo nem de um nem de outro, porque de ambos, a terceira melodia (Golse, 1999), fruto único das duas primeiras, únicas também.

Todo senão, nuança, ambiguidade pendia sempre para o lado mais cheio do copo, conforme a sua metáfora popular, ele que extraía tantas outras, dos locais mais inusitados. A do avião, a do banco, a do diapasão, a do *wireless*, um mundo de sentidos novos e capazes de vencer as mortes em vida. Não estão aqui outros carros-chefes universais de uma análise?

E, mesmo sabendo que uma análise não é pedagógica, não evitava ser excelente professor da esperança e do otimismo, temas raros de serem explicitados nos textos analíticos. Transmitia-os em cada silêncio, em cada interpretação, em cada uma de suas máximas, que eram muitas e se renovavam, livres até mesmo da teoria.

Era conhecedor profundo dessas teorias, quando pareciam mínimas, tinha as suas próprias, de olho nas do outro, quando autênticas, com essa qualidade essencial, mas rara, até mesmo para os pais: deixar o outro ser e vibrar com isso, conforme aparecem nos versos da poeta norte-americana Louise Glück (2021, p. 75), recente ganhadora do Prêmio Nobel, nesses raros momentos em que uma voz poética (como Doolittle) compartilha as suas experiências em análise:

O meu psicanalista, julgava eu, estava a observar-me.

Do mesmo modo que, imagino, uma mãe contempla o filho a dormir,
o perdão prévio ao entendimento.

Livre para rir ou mesmo gargalhar, não se furtava em marejar os olhos nos momentos mais comoventes de uma transformação, algo imperdoável para o ranço superegoico vigente, sobretudo nas primeiras décadas de exercício da psicanálise, mas com rastros que ainda nos permeiam.

Criativo, também foi aquele artesão de móveis, um professor de criatividade que, mesmo não se ensinando, podia ser aprendida. Um

criador de criadores. Um artífice de encantamentos. Um estudioso incansável das pontes desconhecidas entre o corpo e a alma, sempre preocupado em localizar os sentidos abstratos e concretos de um sintoma psicossomático. Um dia, diria que esse núcleo não pôde ser adentrado entre nós, embora aumentasse a minha liberdade de somatizar, como um bebê – na transferência, no caso – mais solto.

Psicanalista, sem deixar de ser mago, tal era a capacidade de acolher a sujeira e incentivar a pérola. Sempre foi claro: não era adepto de análises didáticas, mas de análises. Assim começamos. E, por mais que enfrentasse corajosamente as resistências, ele optava sempre pelo que, além delas, conseguia manter-se vivo, porque queria estar vivo.

E assim terminamos, se é que um encontro desses termina. Depois de fazer pensar, também ensinava a sentir, restabelecendo a ordem natural das “coisas” psíquicas, retirando pedra por pedra, dessas que, ao longo de uma infância e mesmo depois, pifam o aparelho de sentir. E, com ele, o pensamento, como em Pessoa ou Maiakovski, já era sentimento espalhado por 15 anos e uma vida inteira.

Também por isso – com licença, seu artigo – é enorme a tristeza que eu sinto agora. Do tamanho imensurável de uma gratidão.

4.

Dias depois de eu iniciar a minha análise, com o JULIO Campos, encontrei-me com ele, à saída de um show do Chico Buarque. Encontrei-me é modo de dizer; ele nem me viu. Para ser mais exato, nossos carros se encontraram na saída do estacionamento. O meu atrás, e o detalhe, logo mais, será importante.

A satisfação de constatar *in loco* que o meu futuro analista apreciava o melhor da MPB foi logo substituída pela visão de um braço para fora da janela, terminando em uma mão que segurava um cigarro. Poderia ser recreativo, pensei inicialmente, mas, como havia uma multidão de admiradores da melhor MPB, o primeiro cigarro foi substituído por mais dois, antes que o analista-fumante saísse, sem ser visto.

Mas não passaria impune e ouviu, já na sessão seguinte, a minha preocupação com a cena. JULIO manteve-se sereno e, quando terminei

as minhas queixas, limitou-se a dizer que eu precisava pensar muito bem, antes de iniciar a analisar-me com um fumante. E não havia ironia em sua fala.

Essa marca, que é o reconhecimento dos próprios limites, sem negar a amplitude de sua própria humanidade, jamais estaria ausente em JULIO, assim como nunca, mas nunca deixaria de reconhecer algum deslize ou algo que o tempo mostrasse não ter sido a melhor das interpretações.

Quanto a mim, já na semana seguinte, pude concluir que um eventual tabagismo não era maior do que as qualidades humanas para além dos ismos e que já se faziam presentes, incluindo essa. Como dizia o próprio JULIO, acertadamente, se já é impossível saber quando e onde vamos morrer, é ainda mais arriscado saber do quê.

Mas, ainda que aqueles cigarros, depois de um espetáculo do Chico Buarque (um fumante inveterado) tenham participado do final da jornada do Julio, não guardo o menor arrependimento de ter vivenciado parte dela.

Mais valem quinze anos fumados e bem vividos do que uns tanto mais, desvitalizados, sem a mesma qualidade de fruição. E pensei muito, antes de localizar a percentagem (outra de suas metáforas) de negação presente nessa ideia.

5.

Sobre o final da análise, como evocação de morte – e vida –, há algo talvez quase dizível, por ser vida. Mais dizível, hoje, do que quando se esboçava esse texto. Menos, imagino, do que as suas edições futuras. Julio recuperava-se de um exame difícil, que havia lhe arranhado a voz. Seu desejo de vida era evidente e estranhei quando apontava a minha parte não desejante (resistente) de prosseguir. Avisou que passaria a trabalhar só meio turno e desejava estar com quem estivesse plenamente ali. Tínhamos intimidade e estofo suficiente para falarmos disso e aponteique, talvez, ficasse sem ninguém. Rimos. De qualquer forma, insistiu para que eu consultasse em mim mesmo se o meu desejo de continuar me analisando, tantos anos depois, era realmente predominante.

Por estar em dúvida, encerramos a minha análise, de forma serena. Quando eu repassava internamente o episódio, via nele também uma versão de fraqueza de um analista menos capaz de lidar com a resistência, especialmente acirrada pelo tempo e a entrada em meandros sempre mais inacessíveis à medida em que vão sendo aprofundados. Poucos meses depois, Julio faleceu. Quando volto a repassar a cena, encontro outras versões que apontam para o desejo legítimo de ele aproveitar melhor seus últimos momentos de vida, bem como o de poupar seu analisando do dissabor dessa última convivência. Julio acompanhava o luto pela perda de meu pai, há menos de um ano, e algo que houve de positivo e transformador na transferência dessa análise parece ter sido a presença de um analista com uma possibilidade parental maior de ser menos projetivo. Como se dissesse, depois de longo tempo separando o que era de um e de outro em suas vidas, o quão importante era separá-lo também em suas mortes.

6.

Winnicottiano, honigstejniano, meltzeriano, Julio era essencialmente juliocamposeano o suficiente para ser ele mesmo – única forma, talvez, de deixar o outro ser – a ponto de, em algum momento, para além de ser ogdenziano defensor de infinitas psicanálises, poder até mesmo ser kleiniano para transmitir esse legado de que uma análise, nove fora, pode nos trazer o grande alento de nos tornarmos menos fragmentados. Ou, ao menos, mais capazes de lidar com os nossos fragmentos, em busca permanente de alguma integração. Integrar-se, eis outro carro-chefe respeitável do processo analítico.

Mais do que essa integração, ou tão importante quanto, é podermos sempre recorrer (ou retornar) à poesia dos núcleos rítmicos do começo (Honigstejn). Um de meus livros, que não tive oportunidade de mostrar a ele, foi uma versão para crianças das ideias de Melanie Klein exatamente sobre o tema da origem e cisão (Gutfreind, 2021).

Então, mostro agora uma parte (sempre as partes), para ele em mim e para o outro (leitor), campos afora e adentro. E, por ser feito

em versos, cumpre a promessa do eterno retorno à poesia, que costuma ocorrer nas melhores análises imperfeitas e inesquecíveis.

7.

A Mel jamais entendia
como uma pata brigava,
enquanto a outra brincava
lá na mesma carangueja:
é que ela era uma fêmea.

A Mel ficou triste de uma
confusão de riso e briga,
vivendo no mesmo corpo
de sua primeira amiga,
mas a tristeza da Mel
já brincava da alegria
de não ser mais tão sozinha.

Quem a visse ontem ainda,
diria que a Mel é uma chata,
quem hoje brinca com ela,
sabe o quanto ela é grata
à patuda carangueja,
Bambina, a primeira amiga,

mas, com licença, seu Livro,
que outra amiga vem vindo,
cheia de patas movendo,
umas brigando, outras rindo.

El paciente, el analista y la tercera ópera

Resumen: En este artículo, a partir de un encuentro personal con su analista, motivado por su muerte, el autor describe la importancia de la persona del analista y el campo creado entre paciente-analista, así como resultado de este inexorable proceso de pérdida, el segundo es introyectado en el primero, dando lugar al análisis del binomio terminable-interminable.

Palabras clave: Julio Campos, muerte del analista, campo, análisis terminable-interminable

The patient, the analyst and the third opera

Abstract: In this article, based on a personal encounter with his analyst, motivated by his death, the author describes the importance of the analyst's person and the field created between patient-analyst, like this, as a result of this inexorable process of loss, the second is introjected into the first, leading to the analysis of the terminable-endless binomial.

Keywords: Julio Campos, death of the analyst, field, terminable-endless analysis

Referências

- Baranger, W. & Baranger, M. (1969). *Problemas del campo analítico*. Kargieman.
- Borgogno, F. (2004). *Psicanálise como percurso*. Imago.
- Doolittle, H. (2012). *Por amor a Freud – memórias de minha análise com Freud*. Zahar.
- Glück, L. (2021). *Noite virtuosa e fiel* (M. V. Gato, Trad.). Relógio D'Água.
- Golse, B. (1999). *Du corps à la pensée*. PUF.
- Gutfreind, C. (2019). *A arte de tratar: por uma psicanálise estética*. Artmed.
- Gutfreind, C. (2021). *Melanie Klein: Coleção Filosofinhos*. Tomo Editorial.
- Honigsztejn, H. (1990). *A psicologia da criação*. Imago.
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Imago.
- Ogden, T. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Artmed e Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Celso Gutfreind

celso.gut@terra.com.br